

A LITERATURA LIBERTINA FRANCESA DO SÉCULO XVIII: O SENTIDO POLÍTICO-FILOSÓFICO EM “*LES BIJOUX INDISCRETS*”

Autor: Wendel Santos Oliveira¹

Orientador: Prof. Dr. Fábio Maza

RESUMO

A literatura libertina foi um fenômeno do século XVIII, principalmente na França. O estilo literário, que chamava a atenção do seu público leitor com histórias pseudo-orientais, fazia, sob uma capa de exotismo e erotismo, críticas bastante precisas à Igreja, à Coroa, à Moral, e a toda espécie de abuso social. Assim, coube ao romance libertino o papel de conduzir o combate contra o obscurantismo, a ignorância, a tirania política, as hipocrisias sociais, e os mitos e preconceitos religiosos. Tendo isso em vista, neste artigo, pretendemos analisar uma das obras mais marcantes deste período, *Les Bijoux Indiscrets*. Assinada por Denis Diderot, a ficção inaugura um gênero original do qual o autor se tornou referência: o conto dialogado. Na obra, através da ironia, que lhe é própria, o escritor e filósofo satiriza o poder despótico bem como os costumes da sociedade de corte, cuja moral era contestável. Além disso, o romance apresenta-nos ainda, em alguns capítulos, aquilo que seria o esboço inicial das teses filosóficas de Diderot. Teses essas que foram desenvolvidas posteriormente e fizeram parte de um conjunto importante e capital no movimento das ideias.

Palavras-chave: História da Literatura, Literatura Libertina, Filosofia, Iluminismo, Denis Diderot.

¹ Graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Apresenta este artigo como requisito de conclusão de curso para obtenção do Grau em Licenciatura em História.

E-mail: wendel.wso@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O tema central deste artigo é a literatura libertina francesa do século XVIII, em particular o romance *Les Bijoux Indiscrets* (1748). O livro assinado por Denis Diderot figurou como uma das obras de maior relevância de um gênero que logo se tornou preferência entre o público leitor da época. Presente na lista de livros proibidos – classificados em três categorias pelo Antigo Regime: “os que ofendiam a Igreja, os que ofendiam o Estado e aqueles que atentavam contra a moralidade”² –, o romance teria sido responsável pela prisão do escritor-filósofo em Vincennes (1749) devido ao seu conteúdo erótico. Desta forma, para certo modelo de moral, a leitura libertina não era mais que um exercício de maledicência.

Para Adauto Novaes, ver a literatura libertina desta maneira é, de certo modo, não reconhecer “que muitos destes libertinos foram homens engenhosos, de rara inteligência crítica profana e profunda, que souberam muitas vezes associar vício e virtude [...]”³. Neste sentido, foi justamente utilizando vício e virtude que Diderot fez de *Les Bijoux* um romance filosófico, no qual ele mescla uma boa dose de erotismo (vício) com moral (virtude) para achincalhar os valores corruptores da sociedade hipócrita de sua época.

Nessa esteira, esse estudo que usa como método a relação entre Literatura e História, tem como objetivo edificar uma análise da obra em si, enquanto literatura libertina, como também, no contexto em que foi escrita. A escolha pelo romance, tem justa explicação no fato de seu escritor ter figurado como um dos nomes mais seminais da ilustração francesa e por esta obra representar uma insubmissão aos falsos valores morais da sociedade da época. Não fosse suficiente, a obra contém ainda, uma parte preciosa, na qual o escritor funda suas teses filosóficas que seriam anos mais tarde desenvolvidas e ganhariam importância capital no movimento das ideias.

Para um estudioso da vida e obra de Diderot da estirpe de Jacó Guinsburg, o estudo sobre a contribuição das obras diderotianas “não pode esgotar-se nos numerosos traços já fixados pela crítica tradicional”. Por isso, “uma reavaliação constante de sua significação torna-se uma necessidade, na medida em que o conhecimento histórico se aprofunda e a consciência

² DARNTON, Robert. **Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 104.

³ NOVAES, Adauto. Por que tanta libertinagem? In: **Libertinos Libertários**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 09.

do papel deste precursor em tantos ‘campos’ da cultura e da ciência se faz mais nítido e é assimilado”.⁴

Portanto, é neste sentido que esse artigo visa contribuir não só com os estudos acerca das obras diderotianas, mas também, com os estudos acerca da literatura libertina francesa produzida em um século (XVIII), que na concepção de Jean Starobinski “desejava ser livre, tanto para buscar a felicidade como para conquistar a verdade. Livre gozo mas também livre exame. Libertinos e libertários”⁵.

DENIS DIDEROT: VIDA E OBRA

Denis Diderot nasceu em Langres, em 05 de outubro de 1713, e morreu em Paris em 1784. Filho de um cuteleiro chamado Didier Diderot e de Angélique Vigneron, sua esposa, desde cedo Denis foi orientado para o sacerdócio, em virtude de possuir, do lado materno, vários clérigos como parentes, sendo o mais ilustre o cônego Vigneron. Com raízes religiosas, o jovem Diderot estudou na escola jesuíta de sua cidade natal, e lá, desde o início demonstrou todo seu espírito liberto, vindo inclusive a ser repreendido por seus mestres. Em razão disso, pensou em desistir dos estudos e seguir os negócios do pai na cutelaria, porém, sua tentativa não deu certo, tendo que retornar ao colégio onde parecia está escrito seu caminho ao clero. No entanto, alguns infortúnios o impediram de seguir a carreira que a família tanto desejava.

Diderot viria a alçar voos mais prodigiosos. Aos dezesseis anos, seguiu à Paris e ingressou no *Lycée Louis-le-Grand*, escola na qual viria absorver os ensinamentos da Lógica, da Metafísica, da Moral, da Matemática e da Física. Anos depois, (1732), receberia o título de *maître des arts*, pela universidade de Paris. Antes de seguir em definitivo o mundo das letras, Diderot tentou ingressar no ofício de procurador, mas percebeu que a área do Direito não lhe aprazia, aprofundando-se ainda mais nas Humanidades.

Em meio a tudo isso, Denis casou-se e conciliou a sua vida de estudos com a boêmia. Teve várias ligações amorosas sendo as mais conhecidas com a Madame de Puisieux e Sophie Volland. Com esta última, trocou inúmeras correspondências que viriam a representar um dos pontos mais áureos da literatura epistolar francesa.

Diderot iniciou sua carreira literária como tradutor, realizando trabalhos por encomenda de editores. Foi assim que se tornou conhecido, vindo, inclusive, a receber o convite

⁴ GUINSBURG, Jacó. **Denis Diderot**. In: Revista USP. São Paulo, n. 4, Dez./1989-Fev./1990, p. 123.

⁵ STAROBINSKI, Jean. **A invenção da liberdade, 1700-1789**. São Paulo: Editora UNESP, 1994, p. 15.

de três livreiros associados (Briasson, Durand e David) para traduzir a enciclopédia inglesa Champs. Ao aceitar, Denis estaria dando um passo ao que não só seria sua grande realização, como também, do século XVIII. Ao lado de D'Alembert, Diderot desenvolveu um dos trabalhos mais significativos do século das Luzes, *Le Encyclopédie*. Fruto de longos anos de trabalho, o espírito da Enciclopédia é, nas palavras de Moretto, o resumo do pensamento fundamental do Iluminismo:

A luta contra um passado castrador, pela vitória da razão e do progresso das novas idéias, num momento em que a ciência se separava da filosofia e adquiriam ambos campo e terminologia específicos. É portanto pela luta filosófica que Diderot inicia sua carreira de escritor.⁶

Apesar de tomar grande parte de seu tempo, a atividade de Diderot não se limitava à *Encyclopédie*. O escritor fez da literatura um ofício, mas sem esquecer jamais que era um filósofo. Em 1746, escreve e publica *Pensamentos Filosóficos*, obra que lhe rendera alguns luíses e alguns problemas com o parlamento por razão da defesa dos direitos da razão e da crítica diante da fé e da revelação. Escreve ainda, *O Passeio do Cético*, obra que seria confiscada pela polícia. Porém, seu espírito libertino, o faz escrever *Les Bijoux Indiscrets*, obra com boa vendagem no submundo literário, mas causadora de escândalos e críticas. Por esta razão deixa de imprimir outra obra alegórica, *L'oiseau blanc, conte bleu*. A essa altura, como revela Jacó Guinsburg:

A polícia já estava de olho em Diderot. Não só pelo que sabia dele, mas também porque vigiava particularmente, naquele momento de intranquilidade e insatisfação popular, após a primeira Guerra dos Sete Anos, todos aqueles que se dedicavam ao nobre mister de compor sátiras e coplas de algum modo subversivas.⁷

Diante disso, termina preso e conduzido ao castelo de Vincennes. Contudo, pouco tempo depois, em 1749, após contribuir com os interrogatórios e assumir a autoria de algumas obras que lhe foram atribuídas, Diderot passa a ter o direito de circular pelos jardins do castelo e de receber visitas de familiares, amigos e dos editores, retomando assim, o trabalho na Enciclopédia, e de suas obras pessoais.

Ainda em 1749, publicou *Lettres sur les aveugles a l'usage de ceux qui voient* (Cartas sobre os cegos para uso por aqueles que veem), na qual sintetiza a evolução do seu pensamento desde o deísmo até ao ceticismo e o materialismo ateu. As leituras e traduções das obras do escritor inglês Laurence Sterne, viria a influenciar a escrita de alguns dos seus principais

⁶ MORETTO, Fúlvia M. Luiza. **Letras Francesas**: estudos de literatura. São Paulo: Editora UNESP, 1994, p. 17.

⁷ GUINSBURG, Jacó. *op. cit.*, p. 125.

romances como é o caso de: *A Religiosa* (1760), *o Sobrinho de Rameau* (1762) e *Jacques o Fatalista* (1773). Além disso, escreveu algumas peças teatrais como: *O Filho Natural* (1757) e *O Pai de Família* (1758), e outros escritos como *Carta sobre os Surdos-Mudos* (1751), *Pensamentos sobre a Interpretação da Natureza* (1754), *Discurso sobre a Poesia Dramática* (1758) e os *Salões* (1766-73). Em 1769 escreve *Diálogo entre D'Alembert e Diderot*, *O Sonho de D'Alembert*, e a *Continuação do Diálogo*. Na década seguinte, continua a extensa obra: *Suplemento à Viagem de Bougainville* (1772), *Diálogo de um Filósofo com a Marechala* (1776), *Ensaio sobre os Reinados de Cláudio e Nero* (1776-1782), *Lamentações sobre o meu Velho Chambre* (1772), *Colóquios de um Pai com seus Filhos* (1773), *Paradoxo sobre o Comediante* (1773); e *Elementos de Fisiologia* (1774-80).

Diderot mantém muitas relações de amizade fora da França. Em 1772, dirige-se para São Petersburgo, onde é bem recebido pela Imperatriz Russa Catarina, a Grande. A imperatriz compra sua biblioteca e lhe confia a guarda. A amizade entre ambos é forte e nutrida por valores morais. A czarina se agradou do filósofo, o qual esteve à altura de sua reputação e em meio a isso o encarregou de redigir um programa para a organização das universidades russas e uma edição abreviada da *Enciclopédia*. Anos depois Diderot retornaria para França onde veria tudo mudado, e lá ficaria até a sua morte em 1784.

Uma simples biografia não é o bastante para dimensionar o valor dos feitos alcançados por Denis Diderot. Ele figura como um dos nomes mais seminais do século XVIII francês, ao lado François Marie Arouet (Voltaire) e Jean-Jacques Rousseau. Com obras não menos valorosas quanto a dos outros dois, o “dramaturgo da virtude”, contribuiu com o movimento iluminista com um acervo de grande valor científico, filosófico, político, literário e artístico.

LITERATURA E HISTÓRIA: FICÇÃO E REALIDADE

Nas últimas décadas as relações entre a História e a Literatura constituíram-se em uma das discussões mais fecundas da historiografia atual. Isso porque “[...] os textos literários passaram a ser vistos pelos historiadores como materiais propícios a múltiplas leituras [...]”⁸. Tal relação é fruto da reivindicação sugerida pela primeira geração da Escola dos *Annales*, a qual cobrava um diálogo interdisciplinar entre a História e outros campos do saber.

⁸ FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; Luca, Tania Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 61.

Porém, o diálogo com a Literatura somente foi efetivado com a terceira geração dos *Annales*, preceptora de como os textos literários podem apresentar uma “[...] riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo [...]”⁹. Diante disso, a Literatura adquiriu por parte de alguns historiadores o *status* de “fonte fecunda”, uma vez que, quando utilizada com precaução, pode servir como testemunho de um determinado tempo. No entanto, devemos ter sua intencionalidade questionada como qualquer outro documento. Além disso, o seu uso exige uma postura teórica que dê vazão à complexa relação existente entre realidade histórica e criação literária.

Para fugir do lugar comum em que a literatura somente “ilustraria” a história, podemos tomar como exemplo o que E.P. Thompson designou, em *Os românticos*, como o dialogismo existente entre experiência histórica e obra literária, para dessa maneira compreendermos aspectos tanto do texto literário como do momento no qual fora cingido¹⁰, fazendo assim com que evitemos tomar o romance como “espelho da realidade”.

Em seu primeiro capítulo, *Educação e Experiência*, Thompson expõe as bases de uma análise que privilegia a relação entre literatura e experiência histórica, de forma a estabelecer uma analogia entre sua própria realidade e a relação estabelecida pelos poetas românticos [por ele analisados] com a vida e os costumes dos camponeses ingleses do final do século XVIII, tão estudado pelo historiador.

Outro historiador que faz da literatura uma fonte histórica é o também inglês Christopher Hill. No texto *Sociedade e literatura na Inglaterra do século XVII* o historiador narra suas experiências com a literatura e a vê “[...] como dos instrumentos mais importantes para se compreender uma sociedade”¹¹. Hill chega a afirmar inclusive que, “até recentemente, as melhores histórias da Inglaterra do século XVII foram escritas por críticos literários”¹², dado a riqueza da abordagem. Exemplo disso é Shakespeare, que através algumas de suas obras jogou luz sobre a época através de alguns dos seus poderosos personagens.

⁹ *Idem*.

¹⁰ A definição de Thompson emerge quando polemiza com Nicholas Roe sobre a obra de Wordsworth e Coleridge: “A pesquisa de Roe foi persistente, sua atenção ao detalhe é cuidadosa e seu livro será útil. Entretanto, não será tão útil quanto o livro que ele pretendia escrever, que teria colocado o texto poético e o contexto histórico a dialogar um com o outro”. In: THOMPSON, E. Palmer. **Os românticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 106.

¹¹ HILL, Christopher. *Sociedade e literatura na Inglaterra do século XVII*. In: **Varia História**. Belo Horizonte: EdUFMG, n. 14, 1995, p. 95.

¹² *Ibidem*, p. 97.

Nessa esteira, cabe não se esquecer de Machado de Assis, que ao contar suas histórias sobre a sociedade brasileira do século XIX, por assim dizer, escreveu e reescreveu a História do Brasil desse período. No entanto, coube a críticos literários como Roberto Schwarz e John Gledson a tarefa de decodificar, revelar e potencializar os significados dos textos machadianos. Foi, por exemplo, através da originalidade e argúcia de Gledson, apresentada em seu livro *Machado de Assis: Ficção e História*, que tivemos as obras ficcionais machadianas esmiuçadas de forma a compreender o desenvolvimento dessas obras, como também, a revelar sua elaborada interpretação sobre a história do Brasil de fins do século XIX.

As sendas trilhadas por Schwarz e Gledson servem de inspiração e base para outros estudiosos como é o caso do historiador brasileiro Sidney Chaloub, que em seu livro *Machado de Assis, historiador*, nos apresenta o duplo valor de historicidade da Literatura. A partir de obras de Machado de Assis, Chaloub nos revela esse valor dicotômico da Literatura, analisando as obras machadianas em si, como também, no contexto em que foram escritas.

Desta forma, a Literatura nos permite novas abordagens, uma vez que ela é um produto cultural, datado e produzido dentro de um contexto e uma finalidade. O que nesta perspectiva faz com que o historiador busque decodificar e filtrar as informações que margeiam essa fonte para então, extrair o que está escrito nas entrelinhas.

Portanto, visto desta maneira, é nosso propósito examinar *Les Bijoux Indiscrets*, obra de um dos nomes mais significativos do século das Luzes, Denis Diderot, de forma a revelar e potencializar a notável revisão da corte de Luís XV, tão bem realizada pelo escritor e filósofo, que tem como marcas a crítica, a sátira e a filosofia.

LITERATURA PORNOGRÁFICA OU LIBERTINA? SEUS LEITORES E SUAS LEITURAS

Nos últimos anos, o estudo sobre a literatura pornográfica, em particular a produzida entre os séculos XVI e XVIII, tem se tornado intenso. Isso vem demonstrando o quanto às obras do período destacado são fontes fecundas para pesquisa, sobretudo ao que se refere ao estudo do comportamento, da política e das ideias. No âmbito da historiografia convém destacar as contribuições de Robert Darnton e Lynn Hunt.

Darnton, especialista em História francesa, tem suas pesquisas voltadas para o Iluminismo e a Revolução Francesa, nesta senda, seus estudos se debruçam sobre os livros e o mercado literário francês do século XVIII, com vasta obra sobre o assunto. Lynn Hunt, também adepta da História Cultural, tem como obra expoente, acerca tema, *A invenção da pornografia*,

na qual reúne uma série de artigos, de diversos autores, que discutem a temática de forma a apresentar a grande diversidade representativa da pornografia e a constante mudança do discurso pornográfico ao longo do período compreendido entre os séculos XVI a XVIII.

Para ambos, a pornografia possui uma história, e esta teria surgido a partir do século XVI¹³. Hunt afirma ainda, que a pornografia “não constituía uma categoria de literatura ou de representação visual independente e distinta antes do início do século XIX”. Segundo a historiadora, a pornografia teria adquirido existência “como prática literária e visual e como categoria de pesquisa, acompanhando a longa emergência da modernidade no Ocidente”, estando ela “relacionada aos principais momentos desse processo: o Renascimento, a Revolução Científica, o Iluminismo e a Revolução Francesa”. Além disso, afirma que ela teria sido fruto de um “longo processo de conflitos entre escritores, pintores e gravadores, por um lado, e espões, policiais, padres e funcionários públicos, por outro”¹⁴.

Darnton parece concordar com Hunt ao dizer que ela [a pornografia] “surgiu num *corpus* literário de contornos variáveis, mas de certa coerência”¹⁵, tendo como “sua época de ouro o período de 1650 a 1800, especialmente na França”¹⁶. O historiador explica que “a pornografia do começo da era moderna não parecia formar, aos olhos dos contemporâneos, um gênero literário distinto e bem definido”. Ao contrário, as obras pertenciam a uma categoria geral, conhecida como “filosóficas”, já que editores e livreiros setecentistas cunharam o termo “livros filosóficos” para caracterizar “sua mercadoria ilegal, fosse ela irreligiosa, sediciosa ou obscena”. Revela que, “no jargão desse comércio, *libre* significa às vezes ‘lascivo’, mas evoca também o libertinismo do século XVII – isto é, o livre pensamento”. O historiador explica que, “por volta de 1750, o libertinismo dizia respeito tanto ao corpo quanto ao espírito, à pornografia e à filosofia”¹⁷.

Diante disso, Darnton menciona que a “pornografia” ainda é motivo de discussão tanto ao termo quanto a coisa. Isso porque para alguns:

¹³ Para Robert Darnton ver em: *Sexo dá o que pensar*. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Libertinos Libertários**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 21-42. Para Lynn Hunt ver em: *Obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800*. In: HUNT, Lynn (Org.). **A Invenção da Pornografia: Obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800**. São Paulo: Hedra, 1999, pp. 09-46.

¹⁴ *Ibidem*, pp. 10-11.

¹⁵ DARNTON, Robert, *op. cit.*, p. 24.

¹⁶ *Ibidem*, p. 21.

¹⁷ *Ibidem*, p. 24.

[...] o termo *pornografia*¹⁸ deveria ser restringido à sua raiz etimológica (que significa “escrever sobre prostitutas”), diferenciando-o do erotismo em geral. Para outros, pornografia envolve descrições da atividade sexual que violam a moral convencional e são calculadas para excitar o leitor ou o expectador.¹⁹

Para Darnton, “o problema de tais definições é que as práticas e os tabus sexuais estão sempre mudando”.²⁰

Se por um lado coube aos historiadores o papel de desnudarem a Coleção do Inferno²¹ em busca de novas fontes que pudessem revelar algo a mais sobre o espaço social da época, coube aos literatos à tarefa de analisar estas obras através dos seus aspectos múltiplos e proteiformes, a começar pelo seu próprio léxico, ou seja, seu vocabulário próprio; e pelas suas distinções em subgêneros ou estilos, se assim podemos dizer, (conto oriental, romance erótico, romance epistolar e romance libertino), por exemplo.

E é neste sentido de excitação ao leitor, que Jean-Marie Goulemot oferece uma perspectiva de análise dos livros pornográficos produzido no século XVIII, voltado a uma reflexão sobre a leitura da narrativa dessas obras, onde o objeto principal do seu estudo é “[...] o próprio texto erótico, mais do que o leitor em carne e osso”²².

Para Goulemot, as narrativas de tais livros fomentavam no leitor um efeito erótico a ponto de “fazer tomar o imaginário pelo verdadeiro, com todas as consequências físicas produzidas por uma tal confusão”. Assim, o autor fala do “livro pornográfico como de um objeto material, cultural e literário cujo trabalho, no essencial, visa a coagir seu leitor em busca de desejo”²³.

Marc André Bernier, em seu estudo sobre os livros “libertinos franceses” publicados entre 1734 e 1751, considera falha a resolução de Goulemot em qualificar a biblioteca libertina do século XVIII de “pornográfica”, e de que esses livros tivessem como finalidade essencial coagir o leitor aos deleites sexuais. Para Bernier:

¹⁸ O historiador traz a luz aquele que parece ter sido o primeiro uso do termo em um panfleto de Restif de la Bretonne, *Le pornographe*, de 1769, no qual aludia a textos sobre prostituição. *Ibidem*, p. 23.

¹⁹ *Idem*.

²⁰ *Idem*.

²¹ A Coleção do Inferno [*Collection de l'Enfer*] se refere aos livros proibidos guardados nas Bibliotecas em compartimento secreto.

²² GOULEMOT, Jean-Marie. **Esses livros que se lêem com uma só mão: Leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII**. São Paulo: Discurso Editorial, 2000, p. 13.

²³ *Idem*.

“Conferindo ao romance libertino o papel de precursor um pouco frívolo de uma concepção moderna do desejo, tal apadrinhamento faz disso não apenas um gênero desprovido de consistência própria: ele o arranca ainda da singularidade, até mesmo da grandeza da tarefa que foi a sua.”²⁴.

Ademais, “[...] todos esses romances reúnem constantemente licenciosidades dos costumes e do espírito, sendo estas pintadas com as cores de uma eloquência sempre pronta a ralhar o preconceito e dar vida às máximas mais enérgicas da filosofia das Luzes.”²⁵.

Ao remontar a origem do termo libertino²⁶, Raymond Trousson, dissocia o romance libertino, enquanto romance licencioso ou pornográfico. O crítico expõe que, “desde o século XVI foram associados [ao termo libertino] os conceitos de irreligiosidade e de imoralidade, ou seja, de impudência intelectual e de impudência dos costumes”²⁷. Desta forma, Trousson explica que “associar a libertinagem à corrente de pensamento irreligioso representa o sério inconveniente de reencontrarmos a concepção originária definida pelo século XVI, que era de reivindicação da liberdade de pensamento”. Visto desta forma, “a libertinagem se reduziria a uma ficção, pretexto para desvelar um além-ideológico”²⁸.

Já no século XVII, embora a palavra tenha se libertado do peso religioso e tenha passado a representar uma ideia de depravação moral, Trousson diz que não devemos remeter a libertinagem à depravação dos costumes e à exaltação da carne, pois, estaríamos ligando-a a longa tradição dos contos licenciosos, com o risco de remontar os *fabliaux*²⁹ da Idade Média.

²⁴ Texto original: *En conférant au roman libertin le rôle du précurseur un peu frivole d'une conception moderne du désir, un tel patronage en a fait non seulement un genre dépourvu de consistance propre: il l'arrache encore à la singularité. Voire à la grandeur, de la tâche qui fut sienne.* Ver em: BERNIER, Marc André. Introduction. In: **Libertinage et figures du savoir**: Rhétorique et roman libertin dans la France des Lumières (1734-1751). Québec: Les Presses de L'Université Laval, 2001, p. 01.

²⁵ Texto original: [...] *tous ces romans réunissent avec constance licences des mœurs et licences de l'esprit, peignant celles-ci sous les couleurs d'une éloquence toujours prompte à railler le préjugé et à donner figure aux maximes les plus énergiques de la philosophie des Lumières.* *Ibidem*, p. 08.

²⁶ Segundo Trousson, a palavra é proveniente do latim *libertinus*, “liberto”, que o direito romano opõe ao homem nascido livre. O termo teria aparecido pela primeira vez em francês através de Calvino para designar os dissidentes oriundos das seitas protestantes do Norte da França, que consideravam as religiões reveladas como imposturas humanas, afirmavam que a moral era a da natureza, e interpretavam a seu bel-prazer a palavra sagrada. In: TROUSSON, Raymond. Romance e libertinagem no século XVIII na França. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Libertinos Libertários**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 165.

²⁷ *Ibidem*, p. 166.

²⁸ *Idem*.

²⁹ Os *fabliaux* foram textos redigidos entre os séculos XIII e XIV, período em que nasceu a literatura da narrativa curta. As temáticas perpassam o erotismo, a fantasia, o sadismo e, em nosso juízo, nos permitem entrever cenas do cotidiano. São peças onde o profano e o vulgar justapõem-se ao sagrado. Provavelmente destinavam-se à recitação dos jograis, tanto em ambientes domésticos quanto públicos. Os assuntos tratados distanciam-se tanto das aventuras aristocráticas cortesões quanto da literatura clerical. Disponível em: <

“Ligar a essa tradição é negligenciar o problema da expressão”, afirma Trousson, que “considera o romance libertino “à francesa” – de Crébillon a Laclos – como um romance de ‘boas maneiras’, responsável por operar a passagem da literatura licenciosa à literatura de sedução”³⁰. Para ele:

Essa literatura, longe de resvalar no licencioso, desenvolve antes de mais nada uma ‘arte de alta estratégia’, romance de sedução e tática, que nada tem em comum ‘com os romances e os poemas galhofeiros, licenciosos ou eróticos’. Reaparece assim a importância do tom, do estilo, do nível de linguagem: um romance libertino zela pela elegância da expressão, pela delicadeza dos termos, enquanto romance licencioso ou pornográfico descamba na crueza e na vulgaridade³¹.

Por isso, alguns críticos e estudiosos, a exemplo de Bernier, veem a leitura desses livros como um ato subversivo em razão da recusa as proibições morais, civis e religiosas. No entanto, Goulemot põe um limitador e não os vê bem assim. Para ele:

A circulação do livro pornográfico, reduzida, no essencial, aos meios intelectuais e científicos, às classes economicamente dominantes, aos círculos ligados à prostituição, prova que se deve limitar o seu impacto social. Sua leitura, como sua escrita [...] é da ordem do lúdico, da farsa, e nunca tende realmente à subversão.³²

Para Goulemot “a pornografia só poderia ser percebida como subversiva por efeito indireto da filosofia que lhe *conferia* um outro ponto de vista. É pelas Luzes que esta poderia aparecer como que encenando os direitos da Natureza maltratados pelas convenções e proibições – mas era lida com tal finalidade? Quando a pornografia invade a política, é um outro procedimento que se instaura”³³.

O questionamento levantado por Goulemot quanto à finalidade da leitura dessas obras é um tanto controverso, pois, se a circulação do livro pornográfico estava reduzida aos meios intelectuais e científicos e às classes economicamente dominantes, esses leitores não seriam os mais indicados a lerem com tal finalidade? Para Darnton, “os leitores sabiam reconhecer um livro de sexo quando viam um, mas esperavam que o sexo servisse como veículo para ataques à Igreja, à Coroa e a toda espécie de abuso social”³⁴.

<http://www.ricardocosta.com/artigo/donzela-que-nao-podia-ouvir-falar-de-foder-e-da-mulher-quem-arrancaram-os-colhoes-dois> > Acesso em: 31 ago. 2014.

³⁰ TRUSSON, Raymond, *op. cit.* p. 167.

³¹ *Idem.*

³² GOULEMOT, Jean-Marie, *op. cit.* p. 18.

³³ *Idem, ibidem*, p. 19.

³⁴ DARNTON, Robert, *op. cit.*, p. 25.

Visto dessa maneira, as obras produzidas no século XVIII e mais especificamente, as produzidas entre as décadas de 1730 e 1750, se enquadram naquilo que Trousson convencionou chamar de romance libertino “francesa”, por possuírem as características específicas por ele definida, o que os diferenciam da literatura licenciosa produzida nos séculos anteriores. Embora, é bom frisar, o faça por meio por meio de uma narrativa de deleites sexuais, essas obras imbricam em uma discussão filosófica ou moral. Vistos desta maneira, esses livros foram, na verdade, parte de um processo que viria resultar em uma “pornografia de motivação política”³⁵ que, para alguns, ajudou a provocar e abalar a legitimidade do Antigo Regime tanto como sistema social quanto político.

Portanto, partindo das discussões aqui apresentadas, parece claro que *Les Bijoux Indiscrets* é um romance libertino. Pois, seria demasiado impor o valor de obra pornográfica, primeiro pelo que sugere a raiz etimológica do termo que é de “escrever sobre prostitutas”, o que não é o caso. Segundo, porque mesmo se tentarmos aplicar o outro significado que é dado ao termo, o qual envolve a descrição de atividades sexuais violadoras da moral tradicional com o objetivo de excitar o leitor ou o expectador, estaríamos conferindo ao romance uma característica estética que não é sua.

Neste sentido, *Les Bijoux* se enquadra naquilo que Trousson convencionou chamar de “romance libertino à francesa”, definido por características que zelam pelo nível da linguagem, pela elegância das expressões, pela delicadeza dos termos, diferentemente do romance licencioso ou pornográfico, que descamba na crueza e na vulgaridade.

LES BIJOUX INDISCRETS: O ROMANCE LIBERTINO NO CONTEXTO DO SÉCULO XVIII

O Iluminismo foi um movimento filosófico que se desenvolveu particularmente na França, Alemanha e Inglaterra no séc. XVIII, caracterizando-se pela defesa da ciência e da racionalidade crítica, contra a fé, a superstição e o dogma religioso. Além disso, realizando uma análise mais profunda, o Iluminismo foi, na verdade, muito mais do que um movimento filosófico, visto ter apresentado uma dimensão literária, artística e política.³⁶

³⁵ O termo ora empregado é utilizado por Lynn Hunt para especificar e definir um conjunto de obras produzidas no final do XVIII e que tiveram, na concepção da historiadora, participação direta na Revolução Francesa por terem se tornado um instrumento de ação política popular, mesmo que conscientemente vulgar. Para a historiadora a pornografia foi usada com objetivos políticos bem antes de 1789, ano da Revolução Francesa. Ver em: A Pornografia e a Revolução Francesa. In: HUNT, Lynn (Org.). **A Invenção da Pornografia: Obscenidade e as origens da modernidade 1500-1800**. São Paulo: Hedra, 1999, pp. 329-370.

³⁶ JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 142.

O significado acima apresentado sobre o Iluminismo foi conferido pelos filósofos Hilton Japiassú e Danilo Marcondes, que veem o movimento iluminista muito além de suas dimensões filosóficas. Para ambos, a corrente filosófica foi um importante movimento do pensamento intelectual do século XVIII, que através de seu racionalismo crítico e sistêmico, influenciou a política, as artes e a literatura. Neste contexto, e justamente no viés de dimensão literária, é que surge o romance libertino, fruto deste movimento marcado pela efervescência intelectual e pelo caráter pré-revolucionário.

Inserido nesse cenário, *Les Bijoux Indiscrets* (1748) faz parte de um seleto grupo de obras libertinas produzidas no século XVIII. “Esse gênero literário, que conhece sua primeira obra-prima em 1736 com *Les égarements du coeur et de l’esprit* [Os descaminhos do coração e do espírito], de Crébillon filho, e a última em 1782 com *Les liaisons dangereuses* [As ligações perigosas], de Chardel de Laclos, [...] foi de fato fenômeno único no século XVIII”³⁷. O estilo estava em moda por influência de “*As mil e uma noites*”, conjunto de histórias de origem árabe que havia sido traduzido por Antoine Galland³⁸ no início do século.

Em prefácio escrito à edição francesa de 1968, Antoine Adam nos revela que “este gênero tinha suas leis. A primeira era que a ação desenrolasse longe da Europa”, em um “oriente povoado de gênios e de fadas, cheio de prodígios e encantos”. O gosto particular pelo outro lado do hemisfério era fruto de uma época em que o Ocidente tanto se interessava pela diversidade de costumes do Oriente. “Nesse mundo onde reinava o maravilhoso, os autores introduziam todo tipo de anedotas libertinas, e eram o que, na maioria dos casos, faziam a verdadeira natureza do conto oriental à nova moda”. O “sucesso de *Tanzai*, [narrativa erótico-oriental de autoria de Crébillon filho³⁹], era a prova da depravação a que nossos valores tinham chegado [...]”⁴⁰.

³⁷ TRUSSON, Raymond, *op. cit.* p. 165.

³⁸ (1646-1715) Escritor e orientalista francês, especialista em manuscritos antigos e línguas orientais. Tornou-se mais conhecido por sua adaptação de contos do Oriente Médio “As mil e umas noites”. Disponível em: < <http://global.britannica.com/EBchecked/topic/224225/Antoine-Galland> > Acesso em: 25 abr. 2014.

³⁹ (1707-1777) Moralista considerado rival de Voltaire. Cedo começou a frequentar salões e bailes e não demorou a pintar tais ambientes em seus textos libertinos, nos quais tecia análises psicológicas e retratava costumes da época. In: FILS, Crébillon. **O sofá**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

⁴⁰ Texto original: *Ce genre avait ses lois. La première était que l'action se déroulait loin d'Europe. [...] C'était un Orient peuplé de génies et de fées, plein de prodiges et d'enchantements. [...] Dans ce monde où régnait le merveilleux, les auteurs introduisaient toutes sortes d'anecdotes libertines, et c'étaient-elles qui, au moins dans la plupart des cas, faisaient le vrai caractère du conte oriental à la nouvelle mode.* Ver em: ADAM, Antoine. Préface. In: DIDEROT, Denis. **Les Bijoux Indiscrets**. Paris. Garnier-Flammarion, 1968, p. 12.

Com *Les Bijoux Indiscrets*, Diderot “inicia o cultivo de um gênero em que se tornaria mestre consumado: o conto dialogado, no qual mescla reflexões filosóficas e morais com ingredientes da vida cotidiana”⁴¹. Em seu caso particular, o romance traça um perfil da sociedade francesa da época de Luís XV, de maneira alegórica e com alusões acuradas e diretas à vida da corte.

Seguindo o modismo da época, o romance narra as aventuras do sultão do Congo (França), Mangogul (Luís XV), o qual se distraía ouvindo de sua amante, Mirzoza (Madame de Poupador), as aventuras amorosas das mulheres do reino. “A favorita, que possuía em grau soberano o talento tão necessário e tão raro de saber contar histórias, havia esgotado a crônica escandalosa de Banza [Paris]”⁴². Percebendo o tédio que tomava conta do seu amado, ela o aconselha a recorrer ao gênio Cucufá para que o ajude a conhecer as histórias amorosas das mulheres da própria corte. Mangogul ouve o conselho de sua favorita e evoca o gênio Cucufá, que lhe pergunta:

- Que é que você quer, meu filho?
- Uma coisa bem simples. – disse Mangogul. – Proporcionar-me um pouco de prazer às custas das mulheres da minha corte.
- Eh, meu filho! – replicou Cucufá. – Você sozinho tem mais apetite do que um convento de brâmanes inteiro. Que quer fazer com esse bando de loucas?
- Saber delas as aventuras que têm e tiveram. Só isso.
- Mas isso é impossível! – exclamou o gênio. – Querer que as mulheres confessem as suas aventuras nunca foi, nem será, possível.
- Mas é preciso que seja. – acrescentou o sultão.⁴³

Após pensar rapidamente Cucufá atende ao pedido e dá-lhe então um poderoso anel, o qual, uma vez apontado para uma mulher fará com que esta revele com voz límpida e inteligível suas histórias mais íntimas. Porém avisa: “mas não vá pensar que é pela boca que falarão”. Será “pela parte mais fraca que há nelas e que mais está a par das coisas que você deseja saber. [...] Por suas jóias”⁴⁴, [ou seja, pelas partes íntimas da mulher].

Ao longo dos cinquenta e quatro capítulos, Mangogul realiza, ao todo, trinta experiências com seu poderoso anel, que além do poder de fazer falar as joias, leva-o para onde quiser tornando-o invisível. Com suas experiências, Mangogul quer provar à sua favorita a lubricidade e o caráter duvidoso das mulheres da corte. Porém, ao realizar sua última

⁴¹ BRANDÃO, Eduardo. A propósito de Diderot. In: DIDEROT, Denis. **Jóias Indiscretas**. Rio de Janeiro: Global Editora, 1986, p. I.

⁴² DIDEROT, Denis. **Jóias Indiscretas**. Rio de Janeiro: Global Editora, 1986, p. 17.

⁴³ *Ibidem*, p. 21-22.

⁴⁴ *Idem*, p. 22.

experiência com a favorita, o sultão encontra o exemplo isolado e distinto de mulher fiel e virtuosa. Depois do experimento, Mirzoza pede ao amado que devolva o talismã ao gênio, a fim de que o impiedoso presente não perturbasse mais o reino de Sua Majestade.

Para Pierre Lepape, um dos principais estudiosos da obra de Diderot, *Les Bijoux Indiscrets* é um livro que tem má reputação e que por pouco seria considerado como um instante de perdição do escritor. Para o crítico, o livro é de uma infidelidade à inteligência e a literatura, como ele mesmo descreve:

Les Bijoux indiscrets é um livro que tem má reputação. Por pouco ele seria considerado como um instante de perdição, uma infidelidade à inteligência e à literatura e, em todo caso, uma falta de bom gosto. Uma prova que Denis Diderot não estava, na idade de trinta e cinco anos, totalmente desapegado das facilidades libertinas de sua juventude.⁴⁵

Em uma das versões que explicam a origem do romance Madame Vandeul, filha de Diderot, preocupada em transmitir uma imagem respeitável de seu pai, afirma que o romance teria surgido de um desafio proposto pela Madame Puisieux ao escritor, onde, num prazo de 15 dias, ele deveria escrever um livro à moda de Crébillon. No entanto, Raymound Trousson cita a versão do próprio Diderot, que arrependido, buscou dissociar essa obra de todas as suas outras de caráter filosófico:

Eu escrevi um livro abominável: *Les Bijoux indiscrets*. Eu poderia em parte me desculpar. Eu tinha uma amante. Ela me pediu cinquenta luíses de ouro e eu não tinha um tostão. Ela ameaçou me deixar se eu não pudesse lhe dar essa soma ao final de quinze dias. Eu redigi então o livro conforme o gosto do maior número dos nossos leitores. Eu o levei ao livreiro, ele pagou os cinquenta luíses de ouro e eu os joguei na saia da minha bela.⁴⁶

Embora Diderot quisesse se justificar pelo livro “abominável” que escrevera e Lepape fale como uma obra de má reputação, o humor pitoresco e até mesmo sarcástico da obra nos oferece indícios suficientes para acreditarmos que não foi um despretenso erro e indigno à inteligência do autor. Para Jacques Rustin “ela não tem nada de ‘descuidada’, nem no estilo,

⁴⁵ Texto original: *Les Bijoux indiscrets est un livre qui a mauvaise réputation. Pour un peu, on le considérerait comme un instant d'égarement, une infidélité à l'intelligence et à la littérature et, en tout cas, une faute de goût. Une preuve que Denis Diderot n'était pas, à trente-cinq ans, tout à fait débarrassé des facilités libertines de sa jeunesse.* In: LEPAPE, Pierre. **Diderot**. Paris: Flammarion, 1991, pp. 78-79.

⁴⁶ Texto original: *J'ai écrit un livre abominable: Les Bijoux indiscrets. Je pourrais en partie m'en excuser. J'avais une maîtresse. Elle me demande cinquante louis d'or, et je n'avais pas un sou. Elle menaçait de me quitter si je ne pouvais pas lui donner cette somme au bout de la quinzaine. Je rédigeai alors le livre conformément au goût du plus grand nombre de nos lecteurs. Je l'apportai chez le libraire, il me compta les cinquante louis d'or, et je les jetai dans la jupe de ma belle.* In: TROUSSON, Raymond. **Denis Diderot: ou le vrai Prométhée**. Paris: Tallandier, 2005, p. 119.

nem na estruturação, muito menos na profundidade das ideias”⁴⁷. Além disso, como bem mencionou Franklin de Mattos, “[...] ao mesmo tempo que rejeitava o livro, Diderot escrevia nos anos 1760 e 1770 três novos capítulos, acrescentados ao texto na edição preparada por Naiegon⁴⁸ em 1798”⁴⁹. O autor ainda acrescenta dizendo como:

[...] não sendo muito convincente que o filósofo, numa época em que a censura vigiava de perto os escritores, pusesse em risco a empreitada apenas para ganhar uma aposta ou agradar à amante. [...] Diderot não apenas investia num romance licencioso, mas também prolongava, num outro registro, suas mais caras inquietações filosóficas.⁵⁰

Diante dessa perspectiva, concordamos com Mattos, no sentido de que o romance reserva um “singelo” debate filosófico, que nos parece evidente, uma vez que, como nos lembra Flávia Moretto, “as jóias indiscretas é um romance *à clé* em que, sob nomes fictícios, são criticados os personagens da época, como também o tradicionalismo, a teologia, que quer englobar todo o conhecimento humano”⁵¹. Desta forma, *Les Bijoux* nos oferece uma revisão bastante precisa à vida na corte de Versalhes durante o reinado de Luís XV, brindando assim, ao seu público leitor, seja o da época como o atual, com um olhar de dentro dos corredores do palácio.

Portanto, é a partir destas reflexões que intentaremos deslindar a linguagem alegórica utilizada por Diderot em *Les Bijoux Indiscrets*, de forma a revelar e potencializar não só a notável revisão da corte francesa de Luís XV, presente nessa obra, como também, as primeiras bases de suas teses filosóficas, ainda que apresentadas de forma embrionária, mas que ficariam mais evidentes posteriormente.

LES BIJOUX INDISCRETS: UM ROMANCE A SERVIÇO DAS LUZES

“Na França, e não apenas aí, a imagem convencional do século XVIII francês continua sendo, para um grande número de pessoas, a de uma luta violenta contra todas as formas de

⁴⁷ Texto original: [...] elle n’a rien d’une production « bâclée » ni pour style, ni pour l’agencement, ni pour la profondeur des idées. Ver em: RUSTIN, Jacques. Préface. In: DIDEROT, Denis. **Les Bijoux Indiscrets**. Paris: Éditions Gallimard, 1981, p. 08.

⁴⁸ Discípulo, amigo e testamentário de Diderot.

⁴⁹ MATTOS, Franklin de. **A cadeia secreta**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004, p. 54.

⁵⁰ *Idem*.

⁵¹ MORETTO, Fulvia M. Luiza. *op. cit.*, p. 24.

obscurantismo e opressão, coroada pelo 14 de julho de 1789”⁵². No bojo dos acontecimentos está o movimento Iluminista, que, como dito anteriormente, foi mais que um movimento filosófico, haja vista a dimensão política, artística e literária que atingira. E foi justamente através dessa dimensão literária que inúmeros intelectuais colocaram no centro da discussão questões políticas, religiosas, sociais e morais. Coube, então, ao romance libertino o papel de conduzir o combate contra o obscurantismo, a ignorância, a tirania política, as hipocrisias sociais, e os mitos e preconceitos religiosos.

Por meio de suas múltiplas produções esses romances ganharam destaque singular por suas contundentes críticas morais, religiosa e política, através daquilo que seria indispensável ao gênero: a combinação da liberdade e a depravação dos costumes. Desta forma, “a ‘erudição lasciva’ pretendia encontrar nos esplendores do *ancien régime* uma liberdade desconhecida dos seus contemporâneos”⁵³.

No entanto, os autores dos romances libertinos encontravam-se na defensiva sobre o gênero que haviam criado. O romance estava no centro dos debates e se tornaram moda à época. A Igreja e a coroa denunciavam essas obras por rebaixar os gostos e costumes corruptores. Por outro lado, os autores se esforçavam para refutar esses ataques, enfrentando o dilema de conciliar a busca da verdade com a instrução moral.

“Para certo gênero de moral, a leitura libertina não é mais do que um exercício de maledicência [...]”. Porém, “essa crença na hipocrisia ignora [...], [o fato de] que muitos libertinos foram homens engenhosos, de rara inteligência crítica profana e profunda, que souberam muitas vezes associar vício e virtude”. E que “alguns pertenceram à efervescente geração da Revolução Francesa [...]. Os libertinos [estiveram] no centro da controvérsia política e revolucionária, de onde, certamente, a crueza de um Sade, o deboche de um Restif de la Bretonne e as ironias de um Diderot achincalharam o poder despótico, combateram as superstições e a moral esclerosada, atacaram a tirania literária e a pureza dos artifícios poéticos, dialogaram com os filósofos do seu tempo; outros foram pensadores da *Encyclopédie*”⁵⁴.

Desta forma, baseando-se na moda de contos orientistas, Diderot valeu-se desse modelo de narrativa fictícia, em seu *Bijoux Indiscrets*, para “examinar as convenções, abordando a sua totalidade, sem se ater em profundidade à individualidade de seus

⁵² TARCZYLO, Théodore. Da erudição lasciva à história das mentalidades. In: ROUSSEAU, G. S.; POTER, Roy. **Submundos do sexo no iluminismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 43.

⁵³ *Ibidem*, p. 46.

⁵⁴ NOVAES, Adauto. *op. cit.*, p. 09.

civilizados”⁵⁵. Além disso, ao abordar os problemas filosóficos, lançou as sementes que conduziram seus projetos posteriores. Essa alegoria, combina elementos do real e do imaginário para retratar pessoas e eventos da vida social, de forma a expor principalmente a figura do rei e das mulheres da corte, em particular.

Logo no capítulo inicial, intitulado como “*nascimento de Mangogul*”, o filósofo contextualiza o período do nascimento do príncipe Mangogul com o mundo ao seu redor. Citando alguns reinos vizinhos e seus respectivos monarcas, Diderot sinaliza para um período de descontentamento dos súditos para com os seus governantes e lança uma crítica não ao Antigo Regime:

Os povos, cansados de obedecer a soberanos imbecis, haviam-se livrado do jugo de sua posteridade, e os descendentes destes monarcas infelizes erravam, desconhecidos e quase ignorados, nas províncias de seus impérios. O neto da ilustre Xerazade foi o único a manter-se no trono; ele era obedecido em Mogol sob o nome de Tchibum, quando Mangogul nasceu no Congo. O falecimento de vários soberanos foi, como vemos, a época funesta de seu nascimento.⁵⁶

Acima, Diderot é sarcástico ao retratar alguns soberanos como imbecis, além de demonstrar sua sagacidade ao retratar o fim – ou iminente fim – do regime absolutista sob o signo da morte. Neste sentido, vale frisar que a Inglaterra, em 1689, já havia se tornado uma monarquia constitucional⁵⁷.

Ainda nas páginas de abertura do romance, o escritor apresenta os feitos do sultão elogiando-o por suas realizações na guerra, no governo e nas promoções às artes. Ao resumir a infância e o caráter do sultão, o filósofo logo o identifica, ao seu público leitor, como Luís XV, “o bem amado”. Diderot não resiste e tece irônicos elogios, lançando assim, dúvidas sobre o retrato do rei:

⁵⁵ PIVA, Paulo J. de Lima. **O ateu virtuoso**: Materialismo e moral em Diderot. São Paulo: Discurso editorial: Fapesp, 2003, p. 203.

⁵⁶ DIDEROT, Denis. *op. cit.*, p. 11.

⁵⁷ A Monarquia constitucional consiste em um sistema político que reconhece o monarca eleito ou hereditário como chefe do Estado. Entretanto, este o monarca governa de acordo com a constituição, isto é, com as leis, ao invés de tomar decisões baseadas em sua livre vontade. A este cabe apenas o papel de chefe de estado, e sua função é garantir o normal funcionamento das instituições da nação. Além disso, há o poder legislativo, ao qual é atribuído o poder de criar e promulgar a legislação; e o primeiro-ministro, que exerce as funções de chefe de governo, cabendo a este o verdadeiro encargo do Poder Executivo e a direção das políticas interna e externa do país. (Texto adaptado) Disponível em: < <https://plataformacadaniamonarquica.wordpress.com/tag/monarquia-constitucional/page/2/> > Acesso em: 01 nov. 2014.

Mangogul foi tão amável em seu serralho, quanto grande em seu trono. [...] **Que bom sultão foi ele!** Só teve igual em alguns romances franceses. Ele era meigo, afável, jovial, galante, encantador de aparência, amante dos prazeres, [...]. É fácil imaginar que, com tão raros méritos, muitas mulheres aspiraram a conquistá-lo.⁵⁸ [Grifo nosso].

O escritor adota como estratégia narrativa o diálogo alternando e o discurso indireto livre, com a voz de seu autor. Porém, é pela voz de Mirzoza, que tece suas críticas ao rei. A passagem abaixo, além de expor perfeitamente seu jogo narrativo, exemplifica o papel contestador de Mirzoza frente as frivolidades do rei, quanto ao mal uso do anel e as consequências que este poderá trazer:

– **Príncipe – respondeu a favorita –, continuo achando-o diabólico. Ele o divertirá, sem dúvida, mas esta diversão terá consequências funestas.** O senhor vai lançar o pomo da discórdia em todos os lares, desenganar maridos, desesperar amantes, perder mulheres, desonrar mocinhas e levantar mil outras celeumas. Ah, príncipe! Rogo-lhe...
– Ora, bolas, a senhora moraliza como o Nicole! – exclamou Mangogul. – Gostaria muitíssimo de saber por que cargas d’água o interesse do próximo está preocupando-a tão vivamente assim, hoje. [...] **E, a mim, que importam esses maridos desenganados, estes amantes desesperados, estas mulheres perdidas, estas mocinhas desonradas, contanto que me distraia? Para que, então, sou sultão?** ⁵⁹ [Grifo nosso].

Assim, Diderot apresenta a figura de um rei arrogante, típico de um déspota, preocupado com sua satisfação pessoal independente dos danos que sua atitude possa causar a homens e mulheres da corte. Visto desta maneira, o escritor “baseia-se em percepções populares de fraquezas de Luís XV, o rei de temperamento melancólico combinado com sua propensão ao prazer, estrutura central na trama da novela”.⁶⁰ Em suma, o mal uso do anel representa a metáfora do poder despótico, no qual o soberano toma as decisões a sua livre vontade.

No entanto, embora as experiências, em sua grande maioria, tivessem como objetivo proporcionar prazer ao rei, ainda que fosse às custas das aventuras íntimas das mulheres, apresentando-as como infiéis e ridicularizando os homens traídos, Diderot nos reserva uma outra faceta do uso do anel. Nos capítulos XXIV, XXVII, XXVIII, XXXIII, o talismã passa a ser utilizado para interferir na vida pública do reino.

⁵⁸ DIDEROT, Denis. *op. cit.*, p. 24.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 32.

⁶⁰ Texto original: *Diderot draws on popular perceptions of Louis XV's weaknesses, the king's melancholy temperament combined with his penchant for pleasure, to structure the novel's central plot.* GRAHAM, Lisa Jane. Fiction, Kingship, and the Politics of Character in Eighteenth-Century France. In: DEPLOIGE, Jeroen; DENECKERE, Gita (EDS.). **Mystifying the Monarch: Studies on Discourse, Power, and History.** Amsterdam: Amsterdam University Press, 2006, p. 153.

Tudo começa quando, no capítulo XXIV, ao consultar a joia de Thélis, o sultão passa “a descobrir que as intrigas amorosas de sua proprietária haviam trazido prejuízos para o Estado e os súditos do reino”⁶¹. O peso das revelações faz Mangogul utilizar o anel para outros fins, como: examinar a legitimidade dos pedidos de pensão das viúvas de oficiais congolese (capítulo XXVII); apurar a inocência do jovem Kersael acusado de estupro (capítulo XXVIII) – delito grave e que sob as leis congolese “o culpado era condenado a perder a parte de si com a qual havia pecado [...]”⁶². E por fim, provar a inocência de Eglé, suspeita de trair o marido e que por esta razão fora exilada na casa de campo (capítulo XXXIII).

É notório, que essas quatro experiências remontam a figura do déspota esclarecido, que passa a utilizar o seu poder em benefício do reino e dos seus súditos. No entanto, essa condição só foi possível por intermédio de Mirzoza, que, além de questionar, propõe o uso do anel em busca da verdade e na manutenção da felicidade de seus súditos:

Até hoje, senhor, o anel de Sua Alteza quase que só serviu para satisfazer-lhe a curiosidade. Será que o gênio que lhe deu o anel não se propunha um fim mais elevado? Se o senhor empregá-lo em função da descoberta da verdade e da felicidade de seus súditos, acha que Cucufá ficaria ofendido? Experimente.⁶³

Seja lá quais fossem as intenções de Diderot em relação a metáfora e a figura do rei Luís XV, o fato é que ela é ambígua, como mesmo propõe Franklin de Mattos. Pois, se ora ele pinta “um retrato inteiramente favorável, [ao rei] atribuindo-lhe até mesmo o lisonjeiro papel de porta-voz de suas mais caras idéias”⁶⁴, por outro, e em maior parte, ele o apresenta como um rei indolente, egoísta, despótico, indelicado, presunçoso e até mesmo cruel, pois ele não se preocupa com os danos que sua curiosidade pode causar a mulheres e homens da corte.

Ademais, em alguns outros capítulos, Diderot pinta retratos da vida cotidiana da sociedade da época, a exemplo do gosto que as mulheres tinham pelo jogo (capítulo IV), em particular o *cavagnole*⁶⁵, um similar a loteria ou bingo, que fora imortalizado na tela do pintor

⁶¹ MATTOS, Franklin de. *op. cit.*, p. 63.

⁶² DIDEROT, Denis. *op. cit.*, p. 143.

⁶³ *Ibidem*, p. 146.

⁶⁴ MATTOS, Franklin de. *op. cit.*, p. 64.

⁶⁵ O jogo é de origem italiana e seria um similar ao nosso bingo. Neste cada jogador recebe um cartão dividido em cinco seções, cada seção numerada aleatoriamente entre 1 e 160. O banqueiro colocava as contas de marfim-verde dentro de um saco, agitava e fazia a chamada dos números. Aquele que completasse primeiro teria que falar *cavagnole!* Entre os aristocratas, os jogos eram uma indicação de status, posição, riqueza e classe. Os escalões superiores da sociedade francesa consideravam os jogos uma ferramenta de aprendizagem altamente instrutiva para os mais pequenos que poderiam através deles aprimorar suas habilidades matemáticas. Disponível em: < <http://blogs.getty.edu/iris/paris-gamblers-gaming-in-18th-century-france/> > Acesso em: 29 out. 2014.

Pierre-Louis Dusmenil [ver **figura 1**]. Mais à frente, apresenta-nos o gosto que a elite tinha pelos espetáculos de Ópera (capítulo XIII), – que tinha como principais músicos Lully e Rameau, representados no romance pelos nomes Domidosol e Doremifasolasidododó. O romance nos permite uma pequena viagem ao dia-a-dia da corte.



Figura 1 *Jogadores de cartas em uma sala de estar*. Tela em óleo de Pierre-Louis Dumesnil (Paris, 1698-1781) pintada por volta de 1752. O efeito teatral criado pela luz do fogo e velas é típico das obras de Dumesnil. Os direitos da imagem são reservados ao *The Metropolitan Museum of Art*, Nova Iorque. Disponível em: < <http://www.metmuseum.org/collection/the-collection-online/search/436230> > Acesso em: 29 out. 2014.

LES BIJOUX INDISCRETS: O ROMANCE MORAL E FILOSÓFICO

Alguns expertos estão de acordo que *Les Bijoux Indiscrets* é um romance digressivo, cujo objetivo real da história não é apresentar um sultão ávido em conhecer os segredos íntimos das mulheres da corte. Pelo contrário, sua história tem como pano de fundo uma análise crítica e moral dos costumes da sociedade da época. Arthur Wilson, um dos principais estudiosos da

vida e obra de Diderot, afirma que o filósofo interessou-se pela moral durante toda sua vida.⁶⁶ – bem, ao menos *Les Bijoux* é uma prova disso.

No romance, através de experiências, o sultão Mangogul vai expondo uma a uma as histórias amorosas e mais íntimas das cortesãs do reino, revelando-nos os relacionamentos secretos, indiscretos e até mesmo imagináveis – como os casos da cortesã Iscaisc que adorava as “carícias” de seus cães; e o de Manilha, que punha sua “joia” como garantia para dívidas de jogo. Assim, por força do impiedoso anel, devotas que quebravam os votos foram desmascaradas, homens traídos pelas esposas foram ridicularizados, e relacionamentos foram desfeitos. A cada capítulo, Diderot constrói, ou até mesmo destrói, a concepção de moral que permeia a sociedade de seu tempo, principalmente ao fazer falar as “joias”, embora, sejam a das mulheres, o filósofo põe em evidência aquilo que, talvez, o ser humano tem de mais tênue: os valores morais.

Mas por que a narrativa do romance gira em torno da lubricidade e do caráter duvidoso das mulheres? Para Jacques Rustin, um dos principais críticos da obra, deve-se ao fato de que “em um tempo e em um estado social em que a mulher é a vítima de uma alienação que a submete a uma ordem arbitrária e tirânica (o que se lê em vários lugares do texto), seus únicos recursos são a hipocrisia e a perversão secretas”. [...] Desta forma, “o ‘falatório das joias’, em vez de servir para humilhar as mulheres, restabelece-as em sua dignidade denunciando a impostura dos homens, mais odiosos que aquelas que eles pretendem sujar e tratar como objetos”⁶⁷. Além disso, ao “dar viva voz às joias significa permitir que os civilizados tornem-se mais espontâneos e transparentes, ou seja, que tragam à tona os nossos mais inconvenientes desejos, juízos e intenções em relação ao outro, os quais podem ser eventualmente a causa de muitos dissabores”.⁶⁸

Essa moral sexual e social, tão presente no romance, é melhor discutida nos capítulos XVIII e XIX – capítulos que foram redigidos entre 1760-1770 e incluídos apenas na edição do final do século, e que teriam sido inspirados na obra *Suplemento à Viagem de Bougainville* (1772), do próprio Diderot, onde compara os costumes da civilização europeia com a taitiana.

⁶⁶ WILSON, Arthur M. **Diderot**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

⁶⁷ Texto original: *En un temps et dans un état social où la femme est la victime d'une aliénation qui la soumet à un ordre arbitraire et tyrannique (ce qui se lit en plusieurs endroits du texte), ses seules ressources sont l'hypocrisie et les perversions secrètes. [...] « Caquet des bijoux », au lieu de servir à humilier les femmes, les rétablit ou contraire dans leur dignité en dénonçant l'imposture des hommes, plus odieux que celles qu'ils prétendent salir et traiter en objets.* Ver em: RUSTIN, Jacques. *op. cit.*, pp. 29-30.

⁶⁸ PIVA, Paulo J. de Lima. *op. cit.*, pp. 175-176.

Nesses capítulos, através de um relato fantasioso, Diderot retrata os costumes dos povos insulares descoberto pelos viajantes “que Mangogul havia enviado aos rincões mais longínquos, a fim de coligir a sabedoria deles”⁶⁹.

Nesta ilha, “os casamentos são formados não segundo as convenções ou interesses, mas sim segundo a adaptação estreita de suas ‘joias’, de formas particulares e únicas: é o esboço, mediante um subterfúgio utópico, de uma moral sexual e social”. A narrativa desses dois capítulos, é típica do modelo de literatura utópica⁷⁰, a exemplo de *Cartas Persas*, de Montesquieu, obra na qual, também por meio de um relato imaginário, o autor fala sobre a visita de dois amigos persas a Paris durante o reinado de Luís XIV, que escrevem para seus amigos na Pérsia dizendo tudo o que veem na cidade. Com estas “observações bem humoradas dos persas, Montesquieu estava comparando civilizações, costumes, estava mostrando a relatividade das coisas, das leis que a Europa julgava universais e imutáveis”⁷¹. Não diferentemente disso, Diderot fez o mesmo com a sociedade, utópica, criada por ele, que lhe serviu, sobretudo, de contraste para realçar e criticar a sociedade artificial de sua época e discorrer de uma moral social e sexual.

Contudo, ao discorrer sobre essa moral, “Diderot não busca, ‘absolutamente ao contrário de Sade’, desestabilizar a sociedade desvelando cinicamente a realidade das condutas sexuais originadas na natureza: pelo contrário, por sua reivindicação de verdade, ele busca instaurar uma ordem natural de acordo com os “bons costumes”, condenando os vícios e as perversões (Fricamone, Callipiga, etc.) como tantos desvios de que a sociedade corruptora é responsável [...]”⁷².

Se por um lado a desconcertante moral diderotina ocupa maior parte no quadro digressivo do romance, por outro, ainda que em menor proporção, as primeiras proposições filosóficas do autor se fazem presente, dentre elas o ceticismo e a metafísica.

⁶⁹ DIDEROT, Denis. *op. cit.*, p. 83.

⁷⁰ Para Trousson, os textos utópicos descrevem sociedades ficcionais, organizados segundo determinados princípios políticos, econômicos e morais. Essas comunidades são apresentadas quer como modelos ideais ou não, e são localizadas em lugares reais ou imaginários, alcançáveis após uma viagem imaginária, relatada de forma verídica ou não. In: TROUSSON, Raymond. **Historia de la Literatura Utópica**: Viajes a países inexistentes. Barcelona: Ediciones Península, 1995, pp. 43-50.

⁷¹ MORETTO, Fúlvia M. Luiza. *op. cit.*, p. 24.

⁷² Texto original: *Diderot ne cherche donc pas, « contraire absolu de Sade », à déstabiliser la société en dévoilant cyniquement la réalité des conduites sexuelles, issues de nature: au contraire, par sa revendication de vérité, il cherche à instaurer un ordre naturel accordé aux « bonnes mœurs », en condamnant les vices et les perversions (Fricamone, Callipiga, etc.) comme autant de déviations dont est responsable la société corruptrice [...]*. Ver em: RUSTIN, Jacques. *op. cit.*, p. 27.

No artigo, *O ceticismo no Diderot da maturidade*, Paulo J. Piva analisa a presença do pensamento cético do filósofo em algumas de suas obras, dentre elas *Les Bijoux*. Em alguns quadros do romance Diderot crítica e a satiriza a “filosofia puramente especulativa, o pensamento totalmente abstrato, sem vínculos com a experiência, ou seja, [com] à metafísica entendida no seu pior e mais estéril sentido [...]”⁷³. Piva lembra que para o próprio Diderot, “a metafísica pensada como ‘considerações vazias e abstratas sobre o tempo, o espaço, a matéria, o espírito’, é uma ‘ciência desprezível’”⁷⁴.

Essa postura antimetafísica de Diderot é, também, percebida por Eric-Emmanuel Schmitt, que o intitula como o “coveiro da metafísica”⁷⁵. No entanto, Schmitt entende que “quando a metafísica deixa de ser – em termos mais contemporâneos – ontologia e teologia para se tornar teoria do conhecimento, aí sim, ela adquire fecundidade, pois revela mais compromisso e raízes do pensamento com a experiência e a prática, particularmente, com o desenvolvimento da ciência”⁷⁶.

Ao analisar o romance, Piva nota alguns embates de Diderot contra a metafísica em seu pior sentido, a ponto de reduzir as doutrinas metafísicas a meros sonhos e delírios, que podem ser notados mais claramente em dois capítulos (32 e 42).

No XXXII, *Sonho de Mangogul, ou Viagem no reino das hipóteses*, o sultão acorda queixando-se à Mirzoza que não dormiu bem por conta de um sonho. Neste, Mangogul viaja ao reino das hipóteses e lá encontra Platão com quem dialoga:

[Mangogul] – Quem é o senhor? Onde estou? E quem é essa gente toda? – perguntei-lhe sem cerimônia.
– Sou Platão – respondeu-me. O senhor está na região das hipóteses e esta gente que está vendo são os sistematistas.⁷⁷

Porém, em determinado momento, o sultão interrompe a conversa em razão de algo que acabara de ver:

⁷³ PIVA, Paulo J. de Lima. O ceticismo no Diderot da maturidade. In: **Philosophos - Revista de Filosofia**. Goiás: UFG, v. 13, n. 1, dez. 2009, p. 129.

⁷⁴ DIDEROT, Denis *apud* PIVA, Paulo J. de Lima. *Idem*.

⁷⁵ SCHMITT, Eric-Emmanuel. **Diderot ou la philosophie de la séduction**. Paris: Albin Michel, 1997, p. 13.

⁷⁶ Texto original: « quand la métaphysique cesse d'être – en termes plus contemporains – ontologie et théologie pour devenir théorie de la connaissance, elle acquiert de la fécondité, car, elle révèle plus d'engagement et de racines de la pensée envers la science et la pratique, surtout envers le développement de la science ». Ibidem, p. 199.

⁷⁷ DIDEROT, Denis. *op. cit.*, p. 167.

[...] Tinha cabeça pequena, corpo miúdo, braços delgados e pernas curtas. Mas todos os seus membros cresciam e encompridavam-se à medida que ele se aproximava. No progredir de seus crescimentos sucessivos, apareceu-me sob mil formas diferentes. Vi-o dirigir para o céu um longo telescópio, avaliar a queda dos corpos com auxílio de um pêndulo, constatar com um tubo cheio de mercúrio o peso do ar e, com um prisma na mão, decompor a luz [...].

– Quem é esta figura gigantesca que vem em nossa direção? Perguntei a Platão.

– Não está reconhecendo a Experiência? – respondeu-me. – É ela mesma!

– Mal me deu esta breve resposta, vi a Experiência chegar e as colunas do pórtico das hipóteses estremecerem, suas abóbadas cederem e seu piso abrir-se a nossos pés.

– Fugamos! – exclamou Platão. Fugamos! Este edifício não vai ficar em pé nem mais um momento!⁷⁸

Neste diálogo fica evidente que Diderot faz uma interpretação ao “frágil reino das essências – na verdade, o mundo das idéias de Platão – ridicularizado e implodido por uma alegoria que representa o mundo dos sentidos e da experiência”⁷⁹. Não podemos deixar de lembrar que o momento vivido pelo filósofo é outro, e que, sua crítica desperta para a idade das Luzes, da *Enciclopédia*, da ciência moderna, enfim, a idade difusora da ciência experimental de Galileu, Newton, Pascal e outros.

Já no capítulo XLII, intitulado “*O sonho*”, Mirzoza, após uma noite de extravagantes sonhos, busca o auxílio de Blocolocus (um estudioso decifrador de sonhos) para interpretá-los. Em resposta a Mirzoza, Blocolocus diz:

– Senhora – respondeu-lhe Blocolocus –, sou um onirocrítico⁸⁰ assaz e medíocre...

– Ah! Poupe-me, por favor, o jargão profissional! – exclamou a favorita. – Deixe para lá a ciência e fale-me com a razão.

– Senhora – disse Blocolocus –, vou satisfazê-la. Tenho algumas idéias singulares acerca dos sonhos. São apenas elas que, provavelmente, devo a honra desta conversa e o epíteto de sonho-oco. Vou expô-las do modo mais claro que puder.

– **A senhora não ignora** – continuou ele – **o que a maioria dos filósofos, assim como o resto dos homens, diz a respeito [dos sonhos]. As coisas que nos impressionaram vivamente de dia, dizem eles, ocupam nossa alma durante a noite [...]**.⁸¹ [Grifo nosso].

O sonho de Mirzoza, nada mais é que outra alegoria da filosofia meramente especulativa, sem compromisso com a experiência, que “para o Diderot posterior aos *Pensamentos filosóficos* e ao *O passeio do cético*, tem plena primazia sobre a pura especulação”⁸².

⁷⁸ *Ibidem*, p. 168.

⁷⁹ PIVA, Paulo J. de Lima. *op. cit.*, 131.

⁸⁰ Relativo a onirocrisia ou a onirócrito. Refere-se a arte ou técnica de interpretar sonhos e analisar sonhos. (*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão eletrônica).

⁸¹ DIDEROT, Denis. *op. cit.*, p. 223.

⁸² *Idem*.

Além desses dois capítulos, há outro que merece destaque, é o XXIX, cujo título é a *Metafísica de Mirzoza (As almas)*. Nele, Diderot nos apresenta os primeiros fundamentos de uma metafísica experimental.

Por meio de um diálogo, entre Mirzoza, Mangogul e alguns cortesãos, a favorita provocará uma verdadeira rebelião acerca da residência da alma e lançará uma nova tese, na qual apresenta o nomadismo da alma. Para Mirzoza, a alma é móvel e ela circula o corpo inteiro à medida que a idade de cada indivíduo avança. Assim, diferentemente dos cartesianos, que afirmavam a alma residia na cabeça, para a sultana a primeira residência da alma são os pés.

[Mirzoza] [...] Afirmaram que a alma fica na cabeça, ao passo que a maior parte dos homens se que ela tenha habitado este lugar e que a sua primeira residência é nos pés.
 – Nos pés! – Interrompeu o sultão. – Esta é a ideia mais oca que já ouvi!
 – É, nos pés! Tornou Mirzoza. – E este sentimento, que lhe parece tão louco, só precisa ser aprofundado para tornar-se sensato, ao contrário de todos aqueles que são admitidos como verdadeiros e reconhecidos como falsos ao serem aprofundados. Ainda há pouco, Sua Alteza covinha comigo em que a existência da nossa alma não estava fundada mais que no testemunho interior que ela dá a si mesma. Pois vou demonstrar-lhe que em todas as provas imagináveis de sentimento concorrem para fixar a alma no lugar que lhe atribuo.
 – É o que estamos esperando da senhora. – disse Mangogul.
 – Não lhes peço para serem tolerantes. – continuou ela. – Ao contrário, convido-os todos a proporem-me suas dificuldades.
 – Estava lhes dizendo, pois, que a alma tem sua primeira residência nos pés, que é lá onde ela começa a existir e que é pelos pés que ela vai se avançando no corpo. Recorrerei à experiência para fundamentar isto. **E, quem sabe, estarei lançando os primeiros fundamentos de uma metafísica experimental.**⁸³ [Grifo nosso].

Ao longo de sua apresentação Mirzoza vai impondo seus argumentos em meio aos questionamentos levantados. Para a favorita, a alma habita inicialmente os pés, mas isso, até os dois ou três anos. Ela se justifica dizendo: “[...] é com os seus [próprios] pés que uma criança anuncia sua formação. Seu corpo, sua cabeça e seus braços ficam imóveis dentro de sua mãe, mas os pés se esticam [...]”. No entanto, a sultana não tenta de modo algum estabelecer residência fixa da alma nos pés, afirmando que “ela anda, ela viaja, deixa um lugar, volta e deixa-o novamente. [...] Isto varia com a idade, o temperamento, as conjunturas”⁸⁴.

Assim, segundo Mirzoza, a alma conserva-se até os oito ou dez anos nos pés e nas pernas, – e é por isso então que nós amamos a dança e outros exercícios – abandonando esta morada por vontade própria ou forçada. “Forçada, quando um preceptor lança mão de artifícios para expulsá-la de seu país natal e leva-la para o cérebro, onde ela se metamorfoseia comumente

⁸³ DIDEROT, Denis. *op. cit.*, p. 151.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 152.

em memória e quase nunca em discernimento”⁸⁵. Entretanto, nem sempre a alma procura a cabeça como morada, ela atinge outras regiões como explica a favorita – neste sentido a explicação de Mirzoa da ênfase a multiplicidade dos caracteres femininos em consonância a intriga principal do romance:

– [...] a mulher voluptuosa é aquela cuja alma ocupa a jóia e dela nunca se afasta;
A mulher licenciada é aquela cuja alma fica, ora na jóia, ora nos olhos;
A mulher carinhosa, aquela cuja alma fica habitualmente no coração, mas nunca em outro lugar;
A mulher virtuosa, aquela cuja alma fica, ora na jóia, ora no coração, mas nunca em outro lugar.
– Se a alma se fixar no coração, ela formará os caracteres sensíveis, compassivos, verdadeiros, generosos. Se, abandonando o coração e não voltando mais aí, ele se relegar à cabeça, constituirá, então, aqueles que chamamos de homens duros, ingratos, velhacos e cruéis.
– A classe daqueles em que a alma só visita a cabeça como se fosse uma casa de campo, onde a permanência não dura muito, é numerosíssima. Ela comporta os petimetres, as coquetes, os músicos, os poetas, os romancistas, os cortesãos e tudo aquilo que se chama de mulheres bonitas. Ouçam estes seres raciocinar e logo reconhecerão as almas boêmias. Que se resentem dos diferentes climas em que habitam⁸⁶.

Assim, sobre este capítulo, concordamos com a análise proposta por Franklin de Mattos, ao dizer que:

[...] embora não passe de uma simples brincadeira, a metafísica de Mirzoa tem óbvias implicações filosóficas: ao submeter a alma a uma ordem biológica ou fisiológica, a favorita a concebe como mero prolongamento da matéria, contestando deste modo a metafísica dualista que postula a existência da *res cogitans* [espírito] e da *res extensa* [matéria] como substâncias independentes uma da outra⁸⁷.

Por fim, devemos, ainda, considerar o episódio da Academia de ciências de Banza (capítulo IX), que propôs analisar o fenômeno enigmático das “joias” falantes e explicar seu falatório. As duas correntes rivais do pensamento físico – lideradas pelo cartesiano Olibri e o newtoniano Circino – esforçaram-se, cada um a seu modo para explicar o fenômeno, porém de maneira inútil. Depois deles foi a vez do anatomista Orcotome, que se ocupou longamente com o problema e, ainda, se propôs a fazer as “joias” falarem por meio das próprias disposições mecânicas do órgão. Embora fosse competente em medicina e experiente em ginecologia, o doutor também fracassou em suas tentativas. Mas, qual o significado desta narrativa?

Para Aram Vartaniam, o sentido desta narrativa demonstra que “Diderot toma conhecimento do mistério ainda escondido dos fenômenos de ordem vital, assim como da

⁸⁵ *Ibidem*, p. 154.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 155.

⁸⁷ MATTOS, Franklin de. *op. cit.*, p. 58.

necessidade de desenvolvê-lo constantemente”. [...] É assim que a fantasia erótica das “joias” serve para evocar ao mesmo tempo o enigma fundamental da vida, a incapacidade da ciência reinante de fazer disso uma ideia válida e a curiosidade que impulsiona Diderot além das teorias correntes.⁸⁸

Diante de toda a complexidade exposta acerca do discurso filosófico do romance, o fato é que “*Les Bijoux indiscrets* permanece então uma obra derrotadora e complexa de que seria imprudente pretender tomar hoje todas ‘as significações múltiplas e ainda mal resolvidas’”⁸⁹. No entanto, é visível que o romance traz algo inovador: a imposição do raciocínio científico em relação ao pensamento especulativo. Com isso, fica evidente que “os ensaios do anel, são a metáfora geral dos princípios experimentais do enciclopédismo nascente, e a obra-prima ‘heteróclita’ de Diderot encontra sua unidade na partilha da alegoria das Luzes [...]”⁹⁰.

CONCLUSÃO

Ao longo deste artigo nos propusemos a analisar *Les Bijoux Indiscrets*, uma das obras mais inspiradoras da literatura libertina francesa do século XVIII. A obra alegórica, assinada por Diderot, mescla uma boa dose de erotismo – tão presente e comum ao gênero – com moral, virtude peculiar do filósofo. Essa combinação fervilhante estava ao gosto de um público leitor menos preocupado com a moralidade que com o bom tom, e para quem as coisas do amor não eram nada mais que um simples jogo.

O romance faz uma insinuante revisão da sociedade da época, tratando de assuntos do cotidiano da corte francesa do Rei Luís XV. Além disso, as *Joias Indiscretas*, serviu-nos para apresentar parte do pensamento filosófico de um dos principais nomes do Iluminismo francês.

⁸⁸ Texto original: [...] Diderot prend connaissance du mystère encore caché des phénomènes d’ordre vital, ainsi que du besoin de le développer au jour. C’est ainsi que la fantaisie érotique des « bijoux » sert à évoquer à la fois l’énigme fondamentale de la vie l’incapacité de la science régnante de s’en faire une idée valable, et la curiosité qui pousse Diderot au-delà des théories courantes. Ver em: VARTANIAM, Aram. Érotisme et philosophie chez Diderot. In: **Cahiers de l’Association des Études Françaises**, 1961, n. 13, p.377-378.

⁸⁹ Texto original: [...] *Les Bijoux indiscrets* restent donc une œuvre déroutante et complexe dont il serait hasardeux de prétendre saisir aujourd’hui toutes « les significations multiples et encore mal débrouillées » VARTANIAM, Aram apud RUSTIN, Jacques. *op. cit.*, p. 30.

⁹⁰ Texto original: En ce sens les essais de l’anneau sont la métaphore générale des principes expérimentaux de l’encyclopédisme naissant, et le chef-d’œuvre « hétéroclique » de Diderot trouve son unité dans le dédoublement de l’allégorie des Lumières [...]. Ver em: RUSTIN, Jacques. *op. cit.*, p. 23.

Nesta ficção pseudo-oriental, Diderot discute temas como: a sede da alma, o amor platônico, o papel da experiência nas ciências da natureza, e, desenvolve até, suas ideias sobre os sonhos.

Embora, alguns enquadrem o romance como pornográfico, o que não concordamos, por razões já apresentadas, o fato é que o erotismo utilizado pelo escritor-filósofo está longe de ser o mesmo que fora empregado em obras do gênero e contemporâneas como: *Teresa Filósofa* e *Anti-Justine*. Isso porque, diferentemente dos autores destas obras, Diderot não narra o ato sexual com a clareza que estes o fazem, tampouco, serve-se de um vocabulário grosseiramente erótico para chamar atenção do leitor. Ao contrário, o escritor preza pela delicadeza dos termos e, por isso, rotular a obra como pornográfica é um equívoco cometido por alguns críticos. Suas características, parece-nos, mais própria de um romance libertino.

Os libertinos foram homens de grande valor e de rara inteligência e estiveram no centro da controvérsia política e revolucionária. Além disso, foram responsáveis por agitar ainda mais um século marcado pela Revolução Francesa, que para alguns historiadores, teve nessas obras “um instrumento de ação política popular, mesmo que conscientemente vulgar”⁹¹.

Neste sentido, esse estudo apresentou apenas uma análise de outras possíveis que o romance pode permitir, pois seguramente há outra que trata sobre a questão do gênero que pode ser realizada, pois não podemos esquecer que é sobre o suposto caráter lascivo das mulheres que a novela desenvolve sua trama.

⁹¹ HUNT, Lynn. *op. cit.*, p.330.

LA LITTÉRATURE LIBERTINE DU XVIII^e SIÈCLE FRANÇAIS: LE SENS POLITICO-PHILOSOPHIQUE DANS "*LES BIJOUX INDISCRETS*"

RÉSUMÉ

La littérature libertine a été un phénomène du XVIII^e siècle, surtout en France. Ce style littéraire, qui a attiré l'attention des lecteurs avec des histoires pseudo-orientales ornées d'exotisme et érotisme, critiquait l'Église, la Couronne, la Morale et toute sorte d'abus sociaux. Ainsi, c'était au roman libertin de lutter contre l'obscurantisme, l'ignorance, la tyrannie politique, les hypocrisies sociales et les mythes et préjugés religieux. Vu cela, dans cet article, le but est d'analyser une des œuvres les plus remarquables de cette période, *Les Bijoux Indiscrets*. Signée par Denis Diderot, cette fiction inaugure un genre unique dont l'auteur est devenu une référence: le conte dialogué. Dans cet ouvrage, l'écrivain et le philosophe satirise, par l'ironie, le pouvoir despotique et la société de cour, dont la morale était discutable. En outre, le roman nous présente encore, dans certains chapitres, ce qui serait la première ébauche des thèses philosophiques de Diderot. Celles-ci ont été développées plus tard et faisaient partie d'un ensemble primordial dans le mouvement des idées.

Mots-clés: Histoire de la Littérature, Littérature Libertine, Philosophie, Siècle des Lumières, Denis Diderot.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNIER, Marc André. **Libertinage et figures du savoir**: Rhétorique et roman libertin dans la France des Lumières (1734-1751). Québec: Les Presses de L'Université Laval, 2001.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História**: Ensaios de teoria e metodologia. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis**: Historiador. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CIVITA, Victor (Comp.). **Coleção Os Pensadores**: Diderot. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

DARNTON, Robert. **Boemia Literária e Revolução**: O submundo das letras no Antigo Regime. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. **Edição e sedição**: O universo da literatura clandestina no século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **O Iluminismo como negócio**: História da publicação da “Enciclopédia” 1775-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DEFOE, Daniel. **Robinson Crusoé**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

DEPLOIGE, Jeroen; DENECKERE, Gita (EDS.). **Mystifying the Monarch**: Studies on Discourse, Power, and History. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2006. Disponível em: < <http://www.oapen.org/download?type=document&docid=340184> > Acesso em: 25 jul. 2014.

DIDEROT, Denis. **Jóias Indiscretas**. Rio de Janeiro: Global Editora, 1986.

_____. **Les Bijoux Indiscrets**. Paris: Garnier-Flammarion, 1968.

_____. **Les Bijoux Indiscrets**. Paris: Gallimard, 2010.

FALCON, Francisco José Calazans. **Iluminismo**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2009.

FILS, Crébillon. **O sofá**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

GLEDSON, John. **Machado de Assis**: ficção e história. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GOULEMOT, Jean-Marie. **Esses livros que se lêem com uma só mão**: Leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.

GUINSBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GUINSBURG, Jacó (Org.). **Diderot: Obras VI - O Enciclopedista**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. Denis **Diderot**: O espírito das “luzes”. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. Denis Diderot. In: **Revista USP**. São Paulo, n. 4, pp. 123-146, Dez./1989-Fev./1990. Disponível em: < <http://www.usp.br/revistausp/04/15-jaco.pdf> >. Acesso em: 21 fev. 2014.

HILL, Christopher. Sociedade e literatura na Inglaterra do século XVII. In: **Varia História**. Belo Horizonte: EdUFMG, n. 14, 1995. Disponível em: < <http://www.fafich.ufmg.br/varia/admin/pdfs/14p94.pdf> >. Acesso em: 15 fev. 2014.

HOBBSAWM, Eric J. Ernest. **A Era das Revoluções: 1789 – 1848**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

HUNT, Lynn (Org.). **A Invenção da Pornografia: Obscenidade e as origens da modernidade 1500-1800**. São Paulo: Hedra, 1999.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LEPAPE, Pierre. **Diderot**. Paris: Flammarion, 1991.

MATTOS, Franklin de. **A Cadeia Secreta: Diderot e o romance filosófico**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

_____. **O filósofo e o comediante: Ensaios sobre literatura e filosofia na ilustração**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MOLLIER, Jean-Yves. **A leitura e seu público no mundo contemporâneo: Ensaios sobre a história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MORETTO, Fúlvia M. Luiza. **Letras Francesas: estudos de literatura**. São Paulo: Editora UNESP, 1994.

MOUREAU, François; RIEU, Alain-Marc. **Éros philosophe: Discours libertins des Lumières**. Paris: Honoré Champion, 1984.

NOVAES, Adauto (Org.). **Libertinos Libertários**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PINSKY, Carla Bassanezi; Luca, Tania Regina de (Orgs.). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

PIVA, Paulo J. de Lima. **O ateu virtuoso: Materialismo e moral em Diderot**. São Paulo: Discurso editorial: Fapesp, 2003.

_____. O ceticismo no Diderot da maturidade. In: **Philosophos - Revista de Filosofia**. Goiás: UFG, v. 13, n. 1, p. 125-147, dez. 2009. Disponível em:

<<http://revistas.ufg.br/index.php/philosophos/article/view/5442>>. Acesso em: 26 nov. 2014. doi:10.5216/phi.v13i1.5442.

ROUSSEAU, G. S.; POTER, Roy. **Submundos do sexo no iluminismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

STAROBINSKI, Jean. **A invenção da liberdade: 1700-1789**. São Paulo: Editora Unesp, 1994.

SCHMITT, Eric-Emmanuel. **Diderot ou la philosophie de la séduction**. Paris: Albin Michel, 1997.

TERESA Filosofia. Porto Alegre: L&PM, 2000.

THOMPSON, E. Palmer. **Costumes em comum: Estudos sobre cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Os românticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **O Antigo Regime e a Revolução**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

TROUSSON, Raymond. **Denis Diderot: ou le vrai Prométhée**. Paris: Tallandier, 2005.

_____. **Historia de la Literatura Utópica: Viajes a países inexistentes**. Barcelona: Ediciones Península, 1995.

VARTANIAN, Aram. Érotisme et philosophie chez Diderot. In: **Cahiers de l'Association des Études Françaises**, 1961, n. 13, pp. 367-390. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/caief_0571-5865_1961_num_13_1_2210> Acesso em 15 nov. 2014.

WILSON, Arthur M. **Diderot**. São Paulo: Perspectiva, 2012.